

A lição da renúncia

TERCIO PACITTI

22 AGO 1989

A primeira mensagem. Encontrava-me na Universidade da Califórnia, em Berkeley, encaminhado pelo ITA para um curso de pós-graduação, época em que comecei me envolver com um novo campo chamado Informática. Em 1961 mudou a política no Brasil, e fui atingido diretamente. E no bolso! Meu salário fora reduzido. Como em todo jovem, a reação de revolta foi imediata. Início de vida, criação de expectativas, pé-de-meia são coisas com que todo moço se preocupa.

Mas logo minha revolta diminuiu, ao perceber que as medidas de austeridade implantadas não se dirigiam apenas à minha classe. O salário em dólares, de todo o pessoal brasileiro no estrangeiro, fora atingido pelas medidas do novo Governo.

Esta foi a primeira mensagem que recebi do novo Governo que se instalara no Brasil, em 1961, o do jovem Presidente Jânio da Silva Quadros, com apenas 42 anos de idade! As medidas da reforma administrativa começavam de cima para baixo, principalmente nos altos escalões da República.

E já àquela época, eu avaliava os enormes problemas decorrentes de reações, semelhantes à minha, que o jovem Presidente estaria suportando, principalmente dos escalões paralelos da política, da tecnocracia estatal e dos grandes interesses conjunturais contrariados. Será que ele teria estrutura ou um plano para suportar os ramos que adotara, e se seriam estes, majoritariamente, fruto de sua iniciativa pessoal?

A segunda mensagem. De regresso ao Brasil, em um navio que veio parando pela América Central, podia-se notar em cada uma das paradas a chegada de pequenas embarcações noturnas para as quais desciam mercadorias e pacotes. Contrabando! Ao chegar ao Rio, o navio ancorou no meio da Baía de Guanabara, quando recebi minha segunda mensagem. Estava curioso para testemunhar a troca de mercadorias extra-rotina. Mas nada aconteceu. Intrigado, na despedida, perguntei ao Comandante por que não ocorrera aqui o mesmo que em outros lugares fora do Brasil. Respondeu-me: "O Brasil tem um novo Presidente e as coisas mudaram." Até que enfim, pensei! A conjuntura política brasileira estava mudando... e **muito rapidamente...** no momento em que eu chegava ao Brasil, com a cabeça repleta de planos para o futuro! Existia uma séria intenção de governo!

A renúncia. A expectativa durou pouco. Infelizmente, aconteceu a renúncia.

Ela tem sido mal interpretada, como se fosse a grande causa de todos os males que hoje afligem o Brasil. Nada disso! As causas são de todos nós e não são poucas; vêm desde a formação do Brasil Colônia. O caldo de cultura por nós herdado, resultante de uma educação equivocada, é o grande culpado. Não se muda rapidamente uma mentalidade distorcida! Os trabalhos de Velez, Faoro, Schwartzman, Paim, Meira Pena, Oliveira Vianna, Longo, Emil Farhat e Vianna Moog retratam bem este caldo de cultura do povo que habita um país rico e extenso.

Poucos foram os casos na História da humanidade em que se apelou pela renúncia ao Poder. Neste caso brasileiro, segundo minha ótica, destaco primeiro o fato de que o jovem Presidente deveria estar possuído de uma enorme responsabilidade por ter sido eleito, pela primeira vez na História do Brasil, por maioria absoluta de votos! Segundo, pelo acúmulo no Congresso de anteprojetos de lei relativos às mudanças estruturais pretendidas, como democraticamente era o modo de fazê-lo, mesmo que o Brasil tivesse, como ainda tem, um sistema composto de subestruturas monásticas, corporativas, oligárquicas, distorções gritantes (como, por exemplo, os grupos privilegiados e cognominados de marajás), sistema ineficiente que atravança o caminho para a modernidade. Por último, medidas já haviam sido tomadas, como aquela que eu sentira no meu bolso, nos EUA, e que provocou a minha revolta pessoal. Como seria a reação de outros interesses contrariados, das classes empresariais, do Congresso, da política internacional e daqueles que, com o Presidente, sustentavam o novo Governo — os seus próprios pares?

Dentro deste contexto, de confronto, de reações, imagine-se o tumulto na cabeça do jovem Presidente! Eis a razão das Forças Terríveis, das Forças Ocultas, sempre mencionadas na História do nosso país: manobras, ameaças veladas, reações, intrigas, interpretações tendenciosas, escaramuças, todas conseqüências de política e hábitos herdados de um caldo de cultura distorcido proveniente, por sua vez, de uma educação secular errada!

E, em ato de desespero, naquela sexta-feira agourenta, 25 de agosto de 1961, surge a carta de renúncia, encaminhada ao Congresso, para que, na minha interpretação, o jovem Presidente fosse convocado para dar explicações, e daí, um pacto, um pacto Congresso-Governo, surgiu. Pura ilusão! Nada disso aconteceu!

A renúncia constituiu um erro político, porque não previu a herança político-cul-

tural na qual, em matéria de poder, quase sempre predominam os interesses imediatos, oligárquicos, pessoais, de partidos ou de classes.

A terceira mensagem. Qual a lição que se tira? Aventuro-me a intuir uma terceira mensagem: a da massa crítica. Qualquer plano sério, de âmbito nacional, que objetive a mudança, pacífica e democrática, da estrutura do País, eivada de preconceitos, nepotismo, corrupção, impunidade, imediatismo, hábitos arcaicos e escala de valores duvidosa, tem que ser precedido, e acompanhado, de um Plano Educacional Estratégico, que objetive uma **mudança de mentalidade**, isto é, uma nova mentalidade apropriada para o desenvolvimento. E é imprescindível que o próprio Presidente acredite e lidere esse Plano! Isto protegerá o próprio Governo.

É preciso educar a criança, o jovem e, principalmente, reeducar a nossa elite, os poderes constituídos, conscientizando-os de que não colherão os frutos do Plano (cujos resultados não são imediatos), abdicando de privilégios e legando-os à próxima geração, juntamente com uma nova mentalidade.

E aqueles que não quiserem cooperar, pelo menos não atrapalhem! E neste Plano Estratégico Educacional há que se observar, e prioritariamente, pelo menos três diretrizes: mérito, qualidade e competência. O conceito de "elite" deverá incluir qualidade, mérito, solidariedade, seriedade, competência, e não status, situação financeira abundante, cargos, postos, nepotismo ou hereditariedade.

Portanto, antes de mais nada, é preciso aglutinar uma massa crítica de pessoas esclarecidas e de qualidade direcionadas para o vetor nacional. Somente assim surgirá a vontade e determinação política para empreender, **pacificamente**, as modificações de nossa estrutura. Caso contrário, permaneceremos, por muito e muito tempo, com o mesmo sistema distorcido, letárgico, corrupto, de impunidade, e de barganhas, caindo em futuras possíveis renúncias ou em sucessivas crises políticas e econômicas. Estas últimas nada mais são do que a rejeição pelo próprio sistema à modernidade, pela falta de massa crítica.

Como todos sabem e fingem ignorar, sempre se recai no problema educacional deste país — da educação de qualidade —, tão relegado a planos inferiores, desde os primórdios de nossa época colonial.

Tercio Pacitti é ex-Reitor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica e está escrevendo "Experiências em formação tecnológica"; este artigo é a condensação de trecho do livro.